EXPEDIENTE.

— Para outro numero a réplica do auctor do artigo 3170, sobre minas, á contestação do Sr. Barão d'Eschwege no artigo 3300.

— A comica descripção do interior do quarto do mestre hervanario, e do interior do proprio hervanario, da sua voz e d'outras muitas coisas, não pertence á *Revista*, nem, nos parece, que á imprensa. Se o mestre hervanario não existe, o escripto é uma ociosidade pueril: se existe, e o interior do seu quarto não é assim, é uma calumnia miseravel; se é assim, é uma delação vergonhosa, não para o delatado mas para o delator; porque, se ter um quarto pobre não é opprobrio, ser n'elle hospedado benevolamente e aproveitar o lanço para vir para fóra escarnecel-o, só o faz um homem sem creação e um espia de raça. Parece-nos que esta resposta não tem nada de escura: se for mister, aclaral-a-hemos.

— Á *Coallisão* só respondemos, que lhe não respondemos.

— A noticia que nos dá um *assignante* sobre o tres vezes annunciado e tres vezes mallogrado concerto musico, na sala da instrucção primaria, ao *Carmo*, é demasiadamente pessoal.

— A acre censura ás providencias sanitarias, propostas pelo Sr. Dr. Lima Leitão, carece de assignatura, embora esta não haja de apparecer impressa. Somos muito fracos astronomos para adivinharmos o nome de uma constellação de cinco estrellas em carreirinha.

— A Sr.ª Dona M. M. da S. ha-de nos consentir que lhe digamos em segredo, que bem a conhecemos, e que, por signal, é tão macha como nós. Para o seu empenho póde dirigir-se a outra folha: não faltam ellas por ahi, que lhe recebam e imprimam a sua carta e mais que fosse.

— O Sr. *Assignante critico*, que reprova o nosso systema de dar noticias, ora porque são pequenas, ora porque já elle as sabía, e nunca por serem falsas, terá a bondade para poder ser servido, a seu gôsto, de nos mandar o escalão marcado do vulto dos successos, com a designação do grau, em que lhe servem, para os podermos fabricar a seu contento. Quer, por exemplo, — *quarta feira á noite, andando muita gente a passear no terreiro do paço veio um furação repentino, que deitou abaixo a estatua equestre? Domingo entrou n'este porto uma armada de 300 náus russas, carregadas de preciosidades, que o imperador* Nicolau, *coitado, nos offerece para as urgencias do estado? No sitio de* Caparica, *no fim do mez passado, uma egua pariu um beserro, e uma burra lançou n'um monte de estrume varias medalhas romanas?* Finalmente, para evitarmos repetir o que elle já sabe, o remedio é facilimo; mande-nos s. s.ª em cada vespera de sair *Revista* (mas não ha-de faltar, que nos póde fazer muito transtorno) um rol de todas as coisas que já sabe.

— Agradecemos ao Sr. J. a sua franqueza.

— O Sr. *Prior de Almeirim* nada tem que nos agradecer, nem porque nos elogiar; tinhamos sido involuntariamente injustos para com elle; reconhecemol-o; pedimos-lhe perdão. Não fizemos senão cumprir um dever corrente, simples e facil: só os facinorosos do jornalismo é que o não praticam.

— Srs. *José Theodoro da Cruz, M. J. da Silva, N. A. de A., leitor constante*, *** etc., etc., etc., a traducção portugueza do *Judeu Errante* não é do redactor d'esta folha, que para ahi nada fez, afóra o prologo com a sua assignatura por extenso e datado com o dia, mez, anno, e rua da morada. Das traducções, publicadas na *Restauração*, não respond e senão pelas que elle fez, e que hão-de sair em volume com o seu nome; que são até hoje, *Venturas de um millionario*, e *Uma noite no serralho*, por *Mery*.

CONHECIMENTOS UTEIS.

MEMORAVEL PROPOSTA PARA SE ABASTECER DE AGUAS A CAPITAL.

CONCLUSÃO.

[*Vem de pag.* 52.]

3321 Disse até agora tudo o que sabia ácerca das nascentes, direi d'aqui em diante alguma coisa sobre a maneira de reservar a agua das Aguas-Livres, que se desperdiça no inverno, e que se devia guardar para o verão.

O terreno, em que se fizeram os caboucos para o novo erario, e d'onde se tem tirado a pedra quasi toda, está destinado para um mercado; mas não sei de quê; pois se fôr de viveres, não creio que lá vá muita gente compral-os, havendo a Praça da Figueira no centro da maior população de Lisboa, e muitos logares de hortaliças por todas as ruas. Por conseguinte julgo que aquelle terreno (e bastaria talvez a área destinada para o dicto novo erario) poderia ser vantajosamente aproveitado para uma grande reserva de agua, que a recebesse do castello das Aguas-Livres, e a podesse despejar para a — *Pia de Penalva* — que é uma pia, que se acha nas galerias subterraneas do aqueducto, d'onde se reparte para os chafarizes da cidade baixa, incluindo tambem o de S. Pedro de Alcantara, e da Praça da Alegria. Este deposito de reserva devia ser um edificio rectangular quadrado, de 300 palmos de lado e 36 de altura interiormente, a fim de deixar, para descontos diversos e depositos dos lôdos, seis palmos de agua, utilisando sómente a columna limpa e pura dos trinta palmos de altura. N'estes termos, como 1,5708 palmo cubico é equivalente a um almude de Lisboa, segue-se que a dicta columna de agua limpa e pura contém um milhão sete centos desoito mil quinhentos e cincoenta almudes, (1.718$550) e descontando no volume dos 6 palmos restantes trinta e seis mil quinhentos e setenta e seis (36$676) palmos cubicos de agua deslocada da massa total por 56 pilastras de 4 palmos de lado cada uma, e da escada de caracol que deve ser equivalente a um cylindro que tenha de base cento e vinte palmos quadrados e trinta e seis de altura, o que produz 4:320 de curvatura, fica livre para lôdos um espaço de tresentos e sete mil cento e trinta e quatro palmos cubicos. Por conseguinte a torneira de despejo de agua limpa e pura deve ficar acima do fundo do tanque (contando sempre pela parte interior) $5\frac{1}{2}$ palmos ou em todo o rigor — $5\frac{3}{4}$ despresando algumas fracções que não influem nada para este caso, a fim de ter livre dos descontos da deslocação dicta acima uma massa de agua equivalente á que deixo calculada, a qual durante o estio ministra-

ria por 50 dias consecutivos a precisa para os gastos de vinte e nove mil quatro centos e sessenta habitantes da cidade, na razão de 14 canadas por individuo. Estas obras são d'aquellas que eternisam o nome dos reis e dos governos, que as mandam fazer em razão das grandes utilidades que offerecem á sociedade: a saber — 1.ª Se porventura tornar esta cidade a ter outro cerco, e lhe cortarem as Aguas-Livres, tem ali um grande recurso. — 2.ª Se abater alguma parte do aqueducto, (como estava para acontecer no valle de Carenque, quando lhe mandei meter tres gigantes para o sustentar) o deposito proverá ao consumo, emquanto a obra se levanta. — 3.ª Quando no inverno chove por mais de tres dias successivos, as aguas se turvam e enchem de lôdo arrastado dos campos, que entra com o arroio da chuva na parte do ramal que ainda está descoberto; e aquella agua, que brota da mãe de aguas novas, fica turva por muitos dias; porque se altera com a chuva, demonstrando que procede de nascentes superficiaes; por conseguinte os habitantes d'esta côrte são obrigados a beber uma agua impura, que traz substancias animaes em dissolução, muito nocivas á saude; e se tivessem o deposito, elle supriria a falta até as aguas se purificarem.

A pesar de tantas vantagens, talvez metterá medo a edificação d'esta obra; porque já lá vae (não sei para onde) aquelle espirito nobre e grande, verdadeiramente portuguez que havia no tempo de el-rei D. João II; D. Manuel; D. João III; D. João V; e sobre tudo no reinado do Sr. D. José I.

Aquelles, que podem vêr com olhos enxutos, no centro da capital, as escadinhas contiguas ao bastardo chafariz da praça da Alegria, não é muito que se assustem quando alguem lhes lembrar uma obra d'estas!.... Mas tomem animo que não é de tanta despeza como parece, e para isso lhes apresentarei um orçamento muito exacto; todavia darei primeiramente uma idéa do edificio tal qual o concebo na minha imaginação.

A vista exterior é a de um antigo castello quadrangular, que tem pela parte de fóra tresentos e quarenta e nove palmos de comprimento por qualquer dos lados, e se eleva quarenta e seis desde a superficie do terreno até ao nivel do terrado, aonde tem o seu cordão e capeamento de cantaria; sobre este, uma banqueta lisa de quatro palmos de altura coroada de ameias de oito dictos, convenientemente espaçadas: emvez das ameias, seguindo o gosto moderno, póde ter sobre a banqueta uma decoração de vasos de pedra e estatuas, o que é por certo muito melhor; porém muito dispendioso.

Tem nas quatro esquinas cunhaes de pedra rusticados, que se rematam em capiteis singelos com gárgolas de cabeças de leões, para deitar fóra a agua da chuva. Todos os panos das paredes são lisos, rebocados de cal e de côr de camurça, verticaes ou a prumo pela face, afim de que o reboço se não arruine em pouco tempo como acontece ás muralhas rebocadas que teem escarpa. O prumo das paredes nada prejudica á sua solidez; pois que calculei a grossura que deviam ter pelas formulas de *Belidor*, que vem no tomo 2 º da architectura Hydraulica liv. IV cap. V pag. 421 n.º 1490, e por ellas achei 15,8 palmos craveiros para equilibrio, que reforcei com mais 4,2 dictos d'onde resulta o deverem ter de grossura as dictas muralhas 20 palmos (*) craveiros. Os alicerces, abaixo do terreno deverão ter 4 palmos de profundidade. Tem no interior cincoenta e seis pilastras de cantaria de 4 palmos de face por todos os lados, para sustentarem os barretes da abobada de tijolo, que deve ser dobrada e ladrilhada com tijolos rebatidos, assentes em cimento romano.

N'um dos angulos terá a escada de caracol com porta de communicação para a rua, a qual deve ser toda de pedra com as junctas bitumadas no interior, e dá serventia para o terrado atravessando um dos rincões da abobada. No centro do terrado ha uma escotilha com sua tampa de folha de ferro breada, que ajusta n'um bordo saliente, aonde se luta por fóra com bitume de vidraçeiros para não deixar penetrar o ar nem a luz afim de que nenhuns vermes se possam desinvolver dentro da agua: esta escotilha serve para entrar dentro por escada de mão para alimpar o deposito quando fôr preciso. — O fundo é de lagedo de pedra assente n'um macisso de alvenaria, ligado com argamaço hydraulico impenetravel pela agua.

Orcei todos os materiaes dos melhores, a saber: pedras de carrada das siliciosas, dictas de macissar de liós bastardo do mais duro das pedreiras de Alcantara; tejolo bem cosido; cal dos fornos de Rio Secco; lagedo do melhor; ferro de Suecia para as linhas que devem abraçar as abobadas e ligal-as pelos rins, calculando a área de secção de cada uma em duas polegadas quadradas, e dez braças de manilha de ferro de seis polegadas de diametro para levarem a agua desde as manilhas de pedra do aqueducto, que alli passa contiguo, até o nivel das impostas das abobadas do deposito, e mais seis braças dictas para a despejar e tornar a metter no aqueducto, com mais tres torneiras de bronze do peso de tres quintaes: toda esta magnifica obra vem a importar em cincoenta e seis contos nove centos e dezessete mil e oito centos réis (56:917$800 réis) se lhe ajuntarmos 5 por cento para despezas imprevistas — 59:763$720 réis. — Em prova do que affirmo, aqui ponho um resumo do orçamento:

Custo das muralhas..........	20:512$000 rs.
Dicto das pilastras e da escada..	10:972$800 rs.
Dicto do lagedo do tanque e macisso de alvenaria...............	7:200$000 rs.
Dicto da abobada..........	8:224$000 rs.
Dicto do capeamento de pedra e cordão.......................	3:072$000 rs.
Dicto das ameias.............	2:048$000 rs.
Dicto dos cunhaes rusticados.....	640$000 rs.
Dicto das quatro gárgolas.......	200$000 rs.
Dicto das linhas de ferro........	1:400$000 rs.
Dicto da banqueta de cantaria...	2:048$000 rs.
Dicto dos rebocos de cal.......	102$000 rs.
Dicto das manilhas de ferro.....	384$000 rs.
Dito das tres torneiras........	115$000 rs.
Mais 5 por cento para despezas imprevistas..........................	2:845$920 rs.
Somma total...............	59:763$720 rs.

Esta despesa é bem pouca coisa para uma capital de um reino: nem devia passar pela imaginação de

[*) Tanto resiste á pressão da agua uma parede com escarpa [ou como dizem talude] como aquella que o não tem, com tanto que tenha as devidas porporções de grossura.

ninguem que se não póde fazer; mas os tributos municipaes, que d'antes se recebiam para as obras das aguas livres, e que montavam a noventa contos de réis por anno, foram indevida e injustamente mettidos no thesoiro e confundidos com as rendas publicas, não o devendo ser; por serem tirados á bocca e da bolsa dos habitantes de Lisboa, que os pagavam para terem agua de beber em abundancia, e d'esta forma ficaram sem ella e sem dinheiro, pagando ainda no preço da que gastam uma inutil contribuição muito avultada.

Eu reconheço as urgencias do estado e a necessidade de cobrir o *deficit* annual; mas para isso devemos pagar todos os portuguezes aquillo que fôr strictamente preciso; quanto porém aos tributos dictos nunca deveram ser desviados da sagrada applicação que tinham. Pede a recta justiça que elles sejam restituidos e entregues á ex.ma camara, por estar presentemente encarregada das aguas livres; mas dezejava que a lei determinasse positivamente que os recebesse das *Septe Casas* e que não podesse distrahil-os para nenhumas outras obras; porque d'esta maneira no espaço de 5 annos, podiam concluir-se as da Buraca, as do novo deposito, e todas as mais que tenho lembrado.

Não posso dar por concluido este artigo, sem trazer á lembrança a quantidade de agua de beber, que recebia Roma em cada 24 horas por via de 13$594 canos de chumbo dos seus chafarizes; pois era nada menos de quinhentos mil moios, o que vem a fazer da nossa medida de Lisboa — duzentas setenta mil cento sessenta e cinco pipas e dezesseis canadas (270$165 pipas e 16 canadas): por aqui se póde conhecer que população tinha a capital do *grande imperio romano!* . . . .

Lisboa 15 de agosto de 1844.

De V. etc.

Viseonde de Villarinho de S. Romão.

AGUA DO MAR PARA BEBER.

3322 Nossos leitores estarão lembrados de terem lido n'esta folha e mais d'uma vez, que já a arte, ajudada da sciencia, dessalgava a agua marinha, a ponto de a tornar propria para cosinhar e para beber; mas porque este objecto, com ser de tamanha monta, ainda cá não excitou, que nós saibamos, nem sequer desejos de fazer uma experiencia, tornamos a lembral-o, assim ao ministerio para os navios do estado, como aos donos e capitães dos navios particulares.

¿ Ainda que a despeza para os aprestos necessarios para dessalgar a agua fôra grande, que o não é, que de vantagens se não mercariam com ella? A aguada consome tempo e despezas para se faser; occupa na embarcação espaço, que poderia ser cheio de fazenda ou de gente; se a viagem se prolonga, mais do que se esperava, diminue-se e occasiona a sede, chegando ás vezes a acabar-se; para se renovar, é muitas vezes mistér desviar do rumo e até ir a partes onde aliás se não quereria abordar; por ultimo, por melhor que seja a nascente de que se enchem as pipas e por mais cuidado e aceio que n'ellas se tenha, nunca em viagens longas se bebe agua a bórdo, que não seja turva, desgostosa, derrancada, cheia de immundicies e bichos, fétida, impossivel de se tragar sem misturas e occasionadora necessaria de doenças.

Tudo isto se atalha com o invento novo: o navio, como os hebreus no deserto, leva comsigo a fonte perenne que o des-sedenta. Em França já hoje são 97 os navios que de tal usam, sendo d'estes 26 da marinha real. Um nantez, por nome *Rocher*, foi o que applicando a idéa de um homem industrioso, chamado *Peyre*, cortou a final todas as questões que na materia havia, e de tão admiravel modo, que, despresados, todos os apparelhos distillatorios, mais ou menos baratos, de que até agora se serviam para distillar a agua salgada, a distilla simplicissimamente e sem dispendio de combustivel: o calor, que elle emprega, é o que sae da cosinha e já não serve para mais nada.

Apontamos quanto basta: os que se tentarem a aproveitar, que examinem d'aqui por diante.

PROVIDENCIAS PARA INCENDIOS.

3323 Propuzemos no artigo 3279 o como se podia obter mais agua nos chafarizes, proximos a um incendio. Falta agora lembrar como esta agua se ha-de conduzir, com menos incómmodo, mais depressa e em maior copia.

Para isto, não ha que inventar, basta adoptar o bom já experimentado e seguido.

Quanto ao carreto da agua, eis o que, em muitas partes, usam: — poem-se duas correntezas parallelas de pessoas, desde a agua até ao fogo: no primeiro extremo estão homens a encher os vasos, que, de mão em mão correm por uma das cadeias, com grande ligeireza, até que outros os tomam para vasar nas bombas; e despejados os vão entregando a um e um á outra cadeia, que, egualmente, de mão em mão, os restitue ao tanque, d'onde tornam a saír logo para o gyro, como os alcatruzes no rodear do calabre.

Uma das principaes vantagens d'este systema é impossibilitar, que os aguadeiros, por criminosa indiferença ou por cançasso, se vão muitas vezes pôr a preguiçar, quando mais urgia afervorarem-se; na cadeia nenhum póde cessar, sem cessarem todos. Para se revesar o trabalho com egualdade, devem estas cadeias ser unidas pelas pontas, e gyrar vagarosamente, por modo que sempre o ultimo do lado, por onde vem o pêso, passe a ser o primeiro da banda, por onde refluem os vasos já vasios, e *vice versa*.

Agora, quanto aos mesmos vasos, os barrís do nosso uso teem dois grandes inconvenientes: — 1.°, o seu excessivo pêso ás vezes superior a meia arroba, que produz um cançasso inutil: 2.°, o tempo que levam a encher e vasar, por um estreito batoque. — Convém pois suppril-os por vasos do minimo pêso possivel, e inteiramente destapados por cima.

M. *Darasse*, que tem em *Paris* uma fabrica de bombas e mais objectos pertencentes a incendios, ideou para este caso, uma especie de vasilhas, de que já no anno passado, vendeu mais de doze mil e que a *sociedade d'encouragement* grandemente lhe approvou.

São feitas de lençaria de cânhamo grossa e bem tapada, e que mais se tapa ainda com a agua; teem naturalmente seu arco solido em roda da bocca, para se não fechar, e ahi sua aza, talvez de corda, para se lhe pegar. As vantagens, que estes sacos levam aos barrís, são quatro: — 1.a, são levissimos; 2.a, não se quebram; 3.a, um só homem póde levar para o sitio do fogo vinte ou trinta sem difficuldade: 4.a, arrecadam-se n'um pequeno espaço: vantagens tão

attendiveis, que já teem feito, com que, nas cazas de campo e outras, os principiam a substituir, para certos usos communs, ás vasilhas de barro ou de madeira. O cânhamo poderia talvez ser supprido por alguma outra fazenda ainda mais barata, havendo o cuidado de a impermeabilisar, por exemplo, com o sabão, que o nosso chimico, o Sr. *Pimentel*, já chegou a compôr, tão hidrófugo como o da *Menotti*, e de que demos noticia no artigo 2662

PLANTAÇÃO DE OLIVEIRAS.

3324 O mono de plantar as oliveiras expendido e recommendado no artigo 2792 foi experimentado pelo nosso assignante o Sr. *Manuel José Rodrigues*, da aldea de *Sancto Estevam*, e surtiu-lhe excellentemente. Metteu deitadas na terra as estacas em abril, e no principio de agosto corrente já as oliveiras, que d'ellas brotaram, tinham seu palmo de altura.

TONELLARIA MECHANICA.

3325 N'um paiz vinicola, onde o fabríco do vasilhame é uma pesada verba nas forçadas, e nem sempre retribuidas, despezas dos vinhateiros, devese ouvir com gôsto que — na exposição da industria franceza, este anno, appareceram umas lindas machinas de tonnellaria; inventadas por um Mr. *Maneville*, com as quaes se affeiçoam por si todas as peças de que se compõe uma vasilha, aduella, tampos, etc. O unico trabalho, que fica para o artifice, é metter os arcos, e apertal-os.

PORTA ABERTA PARA UM ESPANTOSO ADIANTAMENTO NA AGRICULTURA.

3326 Na mesma exposição se viam duas redomas com crystaes dentro; n'uma amarellos, n'outra vermelhos. O rótulo dizia *Prussiatos de potassa*, *obtidos com o azote da atmosphéra*.

« Poucas palavras bastam, — diz um sabio observador. — para que todos intendam o grande, o mysterioso descobrimento, que estas redomas auguram, se é que já o não encerram. A chimica, todo attenta hoje a favorecer a agricultura, e que já pelos seus dignos sacerdotes, *Dumas*, *Payen e Boussingault*, lhe tem feito mui cabaes serviços, e muitos mais lhe está promettendo, tinha prophetisado que na mesma agricultura se prefaria uma total e felicissima revolução, caso se chegasse a fixar em um corpo liquido ou solido um gaz impalpavel e fugitivo, como é o azóte, — que todos aliás teem á mão, pois está no ar que respiramos, e fórma d'elle quatro quintos. Este azóte é que é o attributo proprio de todos os corpos viventes. Elle, o que derramando-se no sólo por via dos estrumes, cuja força e virtude é elle só, dá á terra a sua fecundidade. Mas o azóte, no estado gazoso qual o em que anda na atmosphéra, era até hoje dificultosissimo, e mais propriamente impossivel de se apanhar e sujeitar-se a outras combinações. Apoderar-se do azóte, sem grande dispendio, é o grande problema da agricultura. O homem, que tal problema resolver, será havido e festejado por segundo Triptólemo: e ainda mais, será émulo da divina Ceres, porque haverá duplicado a cada membro da familia humana a sua ração. O menos que os povos civilisados lhe poderão fazer, será erigir-lhe outras tresentas estatuas, como as que outróra levantou Athenas a um misero traficante de popularidade. Ora pois, aqui temos nós já dois fabricantes de productos chimicos, *Bergeron* e *Couput*, que produzem *prussiato de potassa*, ou, se mais quereis, cyanogéneo, porque o cyanogéneo é o elemento caracteristico dos *prussiatos*, ou, em outros termos, uma substancia azotada, colhendo o azóte do ar. Para isto fazem passar uma corrente de ar quente por uma retorta bem aquecida, que tem dentro carvao impregnado de carbonato de potassa. Não ha mais nenhum segredo, e ahi está o azóte apanhado e captivo. ¡Grande victoria! »

« O estado, em que o azóte existe nos estrumes, é o de ammoníaco: mas o cyanogéneo é o proximo, o irmão (se assim se póde dizer) do ammoníaco. E exactamente um dos contratempos de que se queixam *Bergeron* e *Couput*, e o que mais a miudo lhes acontece, e o que mais os desespera, é resolver-se o seu cyanogéneo em ammoníaco. D'aqui mesmo se infere que estamos já pertissimo do *desideratum*. Chegue o *prussiato* a poder-se dar por preço vil e chegue a transformação do cyanogéneo em ammoníaco (com que hoje se enfadam tanto estes fabricantes) a ser, pelo contrario, o verdadeiro fim da operação, e temos renovada a face da terra. Os areaes mais sáfaros poderão competir em fecundidade com os mais pingues campos. »

VERNIZ VERDE TRANSLUCIDO.

2337 Costumam-se envernisar, muitas vezes, os objectos doirados, e outros que pertencem ás artes, com um verniz mui bello, traslucido e esverdeado, cuja preparação é pouco conhecida. Tem-se feito diversos ensaios, para a descobrir, e eis-aqui a receita que tem produsido mais satisfactorios resultados.

Asul da China em pó, uma pequena quantidade; chromato de potassa em pó mui fino, o dobro do asul: misturam-se estas duas substancias, e se incorporam com sufficiente porção de verniz de copal, diluido em essencia de terebinthina. Se os ingredientes não forem bem pulverisados incorporados, não fica o verniz translucido, perdendo por conseguinte o seu merecimento. Póde-se variar a côr, modificando as proporções dos ingredientes; um excesso de chromato de potassa transmuta o verde para amarello, e reciprocamente a do asul, dando-lhe um reflexo asulado. Este verniz produz um admiravel effeito sobre o charão, papeis aveludados, e objectos doirados, tendo a vantagem de não ser muito caro.

Sousa Telles.

PROCESSO PARA DAR Á RESINA AS PROPRIEDADES DE GOMMA LACCA.

3328 Obtem-se este resultado, unindo pela fusão, a resina, com uma quantidade, maior ou menor, de gomma elastica; amollece-se esta em agua quente; desembaraça-se das impuridades que de ordinario inquinam a sua superficie; corta-se, mesmo debaixo d'agua, em tiras; seccam-se, e se projectam, por pequenas adicções, na resina fundida a brando calor. Cada addicção deve ser primeiramente fundida, e incorporada com a resina antes de se lhe junctar outra de novo.

Se a gomma elastica intumece ao dissolver, não se

deve augmentar o calor, aliás carbonisa-se, e ennegrece: cem partes de colophonia podem-se assim misturar com 50, até 75 de gomma elastica.

Para que a mistura da gomma com a resina seja perfeita, é condição indispensavel, fazel-a resfriar logo que a primeira está fundida, remechendo-a fortemente.

Sousa Telles.

ZINCO LITHOGRAPHICO.

3329 A DIFFICULDADE, que ha, de se obterem boas pedras lithographicas e o preço exhorbitante, porque saem commummente as escolhidas, que ainda assim muitas vezes, ou não correspondem ao que por fóra mostravam, ou quebram depois de começadas a servir, tem feito com que algumas pessoas inventivas hajam forcejado pelas supprir por composições artificiaes, que ficassem livres de taes inconvenientes. Tentaram-se cartões, bitumes, ligas mineraes e tudo com pouco prospero resultado: hoje recommendam-se para o logar das pedras lithographicas chapas de zinco, das quaes appareceram amostras na recente exposição industrial parisiense e de que lemos elogios.

Recommendamos aos nossos lithographos a tentativa.

MINA DE COBRE.

3330 N'UMA carta, de *Alte*, no Algarve, escripta por pessoa fidedigna, se lê, relativo aos trabalhos que alli se fazem para a mina de cobre: —

« As minas dão boas esperanças, rochedos a fogo tem sido destroçados; os trabalhos continuam com efficacia; se os resultados forem proporcionaes ás diligencias, e desejos, temos um ramo de industria, que fará grande parte da riqueza d'este Algarve. »

TERRIVEL EXPERIENCIA DE UMA NOVA FORÇA EXPLOSIVA.

3331 OUVE-SE dizer frequentemente, e não sem boa razão, que o melhor modo de affiançar a paz, « é o preparar-se bem para a guerra. » Assim é, em muitos casos; um inimigo que intende estamos bem preparados para o receber, e que por isso reflexiona que póde, vindo buscar lã, ir tosquiado, modera-se, e tracta de vêr se consegue por meio de argumentos, discussão, ou negociações, aquillo que de outra sorte poderia buscar pela força. O medo guarda a vinha, é proverbio mui conhecido, e de certo, quando, viajando, vemos um trapo no cimo de um páu, advertindo os curiosos que ha cepo armado dentro da propriedade em pró de que se dá este aviso, não deixa isso de contribuir para que, ou se deixem as uvas em paz, ou se não commettam na fazenda incursões tão leve e desacauteladamente.

É sobre tal principio, que já hoje mesmo se levantam calculos e conjecturas de possivel influencia em acabar ou limitar os temores da guerra, resultante do invento ante-hontem, ás 6 da tarde, experimentado defronte de *Brigthon*, e de que vou a dizer alguma coisa.

Intende-se, que se a efficacia de agencia tão destructora chega a ser plenamente provada, assim como a facilidade de sua applicação aos ataques e defensas navaes e terrestres, o receio de expôr-se a uma destruição infallivel, e assim por atacado, póde fazer perder o gôsto pela guerra, tornada, em tal caso, aniquilação quasi certa da maioria dos actores em tal divertimento. Deixemos porém o campo das conjecturas sobre as consequencias possiveis de uma descoberta, que, saindo trunfo, póde mui bem operar grandes modificações, pelo menos, na arte da guerra; como já as operára no decimo quinto seculo a invenção da polvora, e como o vapor as vae operando na tactica naval. Passemos ao resumo dos factos por ora ao alcance do publico.

Em 1842 publicaram as folhas d'este paiz a descripção e resultado de uma experiencia feita a pouca distancia de Londres, diante de Sir Gorge Murray, e de outros distinctos individuos, com a invenção do capitão *Warner*; que annunciava possuir uma força com que podia n'um instante destruir a maior fortaleza do mundo, a mais forte nau de guerra, etc; não precisando mais que uma besta de carga, por exemplo, para transportar todo o material e machinismo capazes de executar tão espantosos effeitos. O modo porque então se realisou a experiencia foi, construir-se um artefacto de madeira em fórma de bote, mas solido e cheio por dentro, por modo que formava um compacto e robusto corpo, em que as peças de fortes madeiras se tinham seguramente ligado e unido com grossas chapas de ferro e grandes pregos; formando o todo um composto de grande solidez e resistencia. Deitou-se a fluctuar o artefacto n'uma grande preza ou lago, e então, applicando-lhe o capitão *Warner* a sua invenção (a que por ora dão o nome de « bomba invisivel « (*invisible bell*), n'um momento aquella massa de madeira foi feita em estilhas e milhares de fragmentos; isto não lhe sendo applicado interiormente o agente explosivo, mas de lado.

Os distinctos espectadores mostraram-se e ficaram então muito maravilhados de tal effeito, e prompto, sobre o testimunho d'elles, ao publico se communicou o mesmo sentimento de admiração, e de curiosidade a respeito de tal invenção. O governo nomeou uma commissão de officiaes habeis para examinarem do invento o que o auctor julgasse poder communicar sem traír o seu segredo; porém, ou fosse por inveja ou por qualquer outro motivo, não chegou a concordar-se com a tal commissão nos termos da experiencia; não querendo, parece, o inventor communicar tanto como os commissarios queriam. Passaram-se estes dois annos em requerimentos do capitão ao governo, para que elle ajudasse com o dinheiro necessario a fazer as depezas da experiencia em grande, para a qual exigia 2,000 libras; o governo só offereceu 500, e por isso o homem não acceitou. Determinou, ajudado por alguns amigos, fazer a experiencia á propria custa e d'elles; e para isto Mr. *Somes*, grande proprietario de navios em Londres, lhe deu um de 300 a 400 toneladas, o *John of Gaunt*, para n'elle se fazer a experiencia da destruição. Assim o sacrificio que o governo britannico se acovardou de fazer, um simples particular o fez.

Assentou-se que a experiencia tivesse logar defronte de Brighton no sabbado 13 de julho, e para isso se mandou ir do Tamisa para lá o mencionado navio, esperando-se podesse ter logar a mesma experiencia no dia aprazado. Os ventos contrarios impediram porém a chegada a tempo da embarcação para poder a coisa executar-se antes de sabbado 20, ás 6 horas da tarde. Grande numero de pessoas de distincção e scientificas, além dos simples curiosos, incluindo

Lord Brougham, e muitos membros do parlamento, de ambas as camaras, se transportaram a Brighton para verem aquelle extraordinario espectaculo; e de Brighton mesmo e arredores se junctou tanta gente, que se calcula em não menos de 30,000 o numero dos espectadores, que cobriam a praia e logares d'onde a operação se podia avistar. Esperava-se com a curiosidade mais intensa, o momento da catastrophe, e, como é mui ordinario em taes casos, a impaciencia, e as duvidas que por dois annos se tinham levantado sobre a efficacia do invento, começavam a occasionar certa desconfiança e azedume, que se manifestava severamente em alguns dos espectadores; sendo o sarcastico Lord Brougham um dos que mais se distinguiam n'estas manifestações. Não faltava quem altamente accusasse já o capitão de impostura, e de incapacidade de cumprir o que annunciára, e muitos começavam a accusar o negocio de similhante ao das celebradas *botas de cortiça*, quando viam que o espectaculo se demorava um pouco além da hora aprasada.

Tinha-se ajustado, que de terra se daria, levantando uma bandeira, o signal para a destruição do navio ao capitão, que se achava a bórdo de um vapor pelo qual aquelle fôra rebocado até ao sitio da operação, e que do dicto vapor se responderia abaixando outra bandeira, para indicar que o momento da explosão chegava. Dado e correspondido finalmente o signal, e tendo-se afastado para longe do condemnado vaso os dois ultimos homens que o governavam, um pouco depois observou-se o seguinte: —

Viu-se saltar ao ar, bastante alto, o mastro grande, partindo-se o da mezena ao mesmo tempo; elevou-se a uma consideravel altura um grande borbotão de agua que desceu com o natural ruido; viram-se espalhados em roda muitos fragmentos do navio, cujas bordas e obras superiores foram feitas em mil pedaços; e pela grande abertura feita no costado entrou immediatamente o mar; de sorte que em dois minutos e meio desde a explosão, o navio foi a pique, não se descobrindo d'elle senão a ponta do terceiro mastro, que não tinha sido quebrado, mostrando-se fóra d'agua; porque o fundo, de coisa de 6 braças, o permittia.

Então a admiração e um certo pasmo de terror succederam á precedente incredula impaciencia; Lord Brougham mesmo exclamou,— «que a coisa tinha sido o mais limpamente executada;» — o dono que fôra do vaso, e que estava presente, só disse, «bem sabia eu que o meu navio seria destruido,» e logo depois accrescentou, que daria outro para uma nova experiencia, se o governo não quizesse dal-o; e quando capitão *Warner* desembarcou, foi vivamente congratulado por todos.

Houve quem quiz dizer, que tinha sido tudo um engano, e que dentro do navio se tinham deixado dispostos os materiaes para a explosão, etc; porém os melhores juizes presentes, officiaes mui scientificos e experimentados, declararam que evidentemente se tinha visto como a explosão fôra de fóra para dentro, e não de dentro para fóra; o que de resto muita gente com bons oculos de longa-vista havia bem visto, sendo a explosão a pouco mais de milha distante da praia.

Eis-ahi os factos como se passaram; nada mais se póde por ora dizer, porque nada mais se sabe, nem da força que produziu o effeito, nem do modo de applical-a.

A impressão que a coisa produziu n'aquella grande multidão de espectadores, e hoje no publico em geral, é, que não ha duvida do homem possuir um tremendo agente e meio de destruição até agora desconhecido; que a coisa precisa mais examinada e experimentada; que o governo não deve levemente expor-se a que este segredo vá para fóra da Grã-Bretanha; finalmente que se não deve tractar a coisa d'aqui em diante com a mesma levesa e desleixo com que até agora. — É notavel que se não observou quasi fumo algum em toda a operação.

Londres 22 de julho de 1844.

A. R. Saraiva.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

DIOGO BERNARDES.

3332 Nasceu este, nos seus tempos, mui famoso e ainda hoje não de todo esquecido poeta, na villa da *Ponte da Barca*, na provincia de Entre-Doiro e Minho; nobre de geração; filho de Diogo Bernardes e de D. Anna Dias Pimenta, e neto de Antonio Bernardes. Foi com o embaixador Pero de Alcaçova Carneiro á côrte de Madrid; e com D. Sebastião a Africa, onde foi captivo; porém tornou-se ao reino; e foi nomeado *moço da toalha*. Foi intimo de Camões, tractando egualmente amisade com outros muitos principaes ingenhos que então floreciam. — Falleceu em Lisboa aos 30 de agosto de 1596 e foi sepultado no mosteiro de Sancta Anna.

As mais estimadas de suas obras são as pastorís, o genero que então geralmente se preferia e em que *Bernardes* alcançou o titulo de principe. Algumas das eclogas do seu *Lima* podem ainda agora ser lidas com assás de gosto.

UMA VIAGEM DE DUAS MIL LEGUAS.

APONTAMENTOS — REMINISCENCIAS.

II.

(Continuado da pag. 579 do volume precedente.)

GIBRALTAR.

> Il est peu de lieux au monde aussi célèbres, que Gibraltar, et cependant il en est peu que l'on connaisse aussi mal.
>
> *[Des Possessions Anglaises.]*

3333 A parte da cidade, que olha para o Estreito, offerece uma linda perspectiva, pela contraposição das pesadas obras de fortificação á beira-mar, dos edificios, que se elevam em amphitheatro, quasi todos ligeiros e elegantes, dos jardins e plantações intermedias, que apregoam os milagres da industria do homem nos terrenos mais rebeldes a seus caprichos.

Dentro na bahia não é o quadro tão alegre e variado, por serem as cazas mais unidas; mas assim mesmo consola os olhos da triste aridez e aspecto bravio da montanha, coroada de denegridos e desmantelados restos de muralhas e torres moiriscas, as quaes

communicavam com o castello, que ainda subsiste, a meia altura da parte de terra.

A bahia fica entalada entre o rochedo macisso de *Gibraltar*, e as praias de *Hispanha*, ás quaes está apenas unido por uma lingua de terra baixa e arenosa, que forma o fundo da bahia.

Difficil foi o desembarque porque o mar estava, como quasi sempre em paragem tão desabrida, summamente agitado. — O consul portuguez, o Sr. *Lopes de Andrade*, veio receber o barão ao mar, e nos fez a todos o melhor gasalhado, tomando conta das bagagens, para serem conduzidas com segurança ao *Hotel*, para onde nos encaminhou.

Demorámo-nos em *Gibraltar* até ao dia 6, e sempre lhe devemos obsequiosos cuidados, sendo elle constantemente o nosso guia e contribuindo muito, para nos ser facilitada a inspecção de tudo o que ha de notavel n'aquella cidade, a merecida consideração em que o tem as auctoridades locaes.

Ao pôr pé em terra, a severidade da policia adverte ao passageiro, de que vae entrar n'uma fortaleza guardada com a maior vigilancia, e aonde se lhe não concede senão uma residencia temporaria e sob fiança. — A rua principal que entesta com um pequeno largo, que serve de parada a um dos corpos da guarnição, o qual se encontra logo depois de cruzar a porta do caes, conduz á porta de terra, ao longo da cidade, e é quasi toda macadamisada, guarnecida de cazas pouco altas, com *persianas* em todas as janellas, e moldada de passeios bem construidos. Muitas das outras tambem são macadamisadas, e algumas calçadas de pedra de fórma regular, ou em degraus. — As lojas são ricamente sortidas; e é tão crescido o numero de pessoas de diverso tracto e condição, que transitam pelas ruas, ou que pejam as emboccaduras das travessas, que muitas vezes é mister esperar. — Toda a população parece nimiamente activa (e é raro encontrar-se um mendigo): compõe-se de hispanhoes, inglezes, judeus, moiros, e italianos, pela maior parte gente de negocio, *mais ou menos licito*. — E nota-se, em quasi todos os sitios, com rarissimas excepções, o mais apurado aceio, no que os inglezes se esmeram, porque não tomem grande desinvolvimento as epidemias, que ás vezes se manifestam.

Fóra da cidade ha um bairro, a que dão o nome de *Ponta da Europa*, aliás caracteristico da situação, adornado de vivendas campestres, e de quarteis de tropa, que são modelos no seu genero, nas proporções dos edificios, e em commodidades para os soldados, que ahi dormem em barras de ferro, com xergão e lençoes. O *Passeio Publico* fica n'uma encosta, sobranceira ao caminho que fenece, com a terra n'este bairro: não tem simetria na disposição das ruas, e arvoredos, *não he classico*; mas descobre uma parte do Estreito, tem bellissimas perspectivas sobre uma e outra margem d'elle, e lhe servem de ornamento as estatuas de *Elliot*, de *Wellington*, e tambem de *Neptuno*, que se topam como escondidas no mais emaranhado de algum pequeno bosque artificial.

Tivemos a satisfação de poder entrar nas famosas fortificações subterraneas. Assombra tamanho esfôrço d'arte. Fallando geralmente de todas as fortificações de *Gibraltar*, começam do lado do poente, no ponto em que o rochedo deixa de ser inaccessivel; descem até ao mar, e vão cingindo a cidade, em duas e tres ordens, tornando a subir pela parte do norte, até ao cume da montanha. — E como d'esta parte o rochedo é talhado a pique sobre o isthmo, que o liga á terra firme, sem logar para se estabelecer a artilheria, imaginaram e conseguiram os inglezes excavar na rocha, a quatro quintos de altura, diversas ordens de galerias com aberturas para a campanha, nas quaes estão assestadas grande numero de bôccas de fogo. — Ao todo, as peças montadas, tanto n'estas baterias, como nas da praça, a céu descoberto, nos disseram, que sobem a 435, todas de ferro; — havendo em deposito muitas d'este metal e de bronze, assim como projectis e munições correspondentes a largo sitio.

As baterias subterraneas, que ficam a mor elevação, se dizem estar a mais de 300 pés francezes abaixo do plano superior da montanha, e mil a cima do nivel do mar: os caminhos de communicação e as galerias, são tão desafogados e de inclinação tão suave, que se pódem percorrer a cavallo, e sufficientemente claras e arejadas. De espaço a espaço, vastos armazens conteem depositos de munições e viveres, não só para a guarnição, mas tambem para toda a população de *Gibraltar*, que tem assim um refugio seguro no caso de bombardeamento, pois que os viveres são calculados sobre uma base fixa, para tempo sufficiente de se pedirem e chegarem soccorros de *Inglaterra*.

Esplendido e formosissimo é o panorama, que os olhos correm dos pincaros do elevadissimo promontorio: ao sul e ao nascente as praias e serranias africanas, e o *Mediterraneo*, tão liso ás vezes como um rio dormente; ao norte e ao poente, o soberbo *Oceano*, *Algesiras*, *S. Roque*, plainos e alturas circumstantes. E notavel singularidade offerece este penhasco, que não deve ommittir-se. É o unico ponto da *Europa*, onde ha macacos. O governo inglez não consente que os persigam e menos que os matem, ainda que ás vezes fazem excursões destruidoras pelas cazas mais proximas da raiz do monte. N'esta determinação ha dois fins: — conservar na *Europa* uma raça de animaes que lhe é estranha; — e ter um recurso de mais no caso de cêrco.

A existencia e propagação de macacos n'este sitio é mais um argumento, a favor da opinião d'aquelles que affirmam, que o Estreito fôra em tempos não historicos, um isthmo, que dava communicação aos dois continentes no logar em qua ora os divide. A conformidade physionomica das duas costas salta á vista, com outros caracteres de ruptura, que parecem manifestar-se a olhos menos habilitados para observações de tal natureza. — E a fabula, que é muitas vezes, senão sempre, a expressão figurada de tradições verdadeiras, nos diz, ao contar as façanhas de Hercules, que elle emprecndêra e levára a cabo a juncção do *Mediterraneo* com o *Oceano*, separando os dous montes *Calpe* e *Abyla*, nos quaes gravára a celebre inscripção *non plus ultra*; d'onde lhes viera o nome, que ainda hoje teem, de columnas de *Hercules*. Ao que allude o nosso poeta, em uma das suas saudosissimas elegias, pranteando ausencias da patria, por occasião de se achar militando em *Ceuta*:

> Subo-me ao monte, que Hercules Thebano
> Do altissimo Calpe dividiu,
> Dando caminho ao mar Mediterrano.

São os edificios mais notaveis de *Gibraltar*, além dos quarteis, a residencia do governador, antigo con-

vento, cuja denominação conserva, — o tribunal de justiça, — a egreja protestante, de archiiectura gothica-moirisca, que dizem ser copiada, em parte, da *Alhambra* de *Granada*, e da cathedral de *Cordova*, — e a *bolsa*, ou praça do commercio, fundada em 1817 pelos negociantes, sob os auspicios do governador, que então era o general *Jorge Don*, a quem a cidade é devedora de muitos dos seus modernos melhoramentos, e cujo busto adorna a entrada do edificio. Por cima da praça ha uma bibliotheca, rica de jornaes politicos e commerciaes, e de romances, mas não de outros livros. — A da guarnição, estabelecida no quartel de artilheria, é mais bem fornecida de obras scientificas e litterarias.

Os cemiterios não valem muito a pena de mencionados: o da guarnição fica junto ao *Passeio Publico*; e o do povo fóra das portas, para a parte de *Hispanha*.

A população, nos disseram, ser então de 15:000 almas, afóra a guarnição ingleza de 3:500 praças. — O governo é o *colonial inglez*, militar-politico, de que teremos occasião de tractar largamente, quando chegarmos a *Malta* e *Bombaim*, onde podemos mais a fundo estudar as suas fórmas e espirito particular.

Gibraltar nada produz; a classe pobre vive da pequena industria de fabricar charutos, que é a unica do paiz. Mas o commercio *d'entreposto* abraça toda a sorte de mercadorias, sem que se possa dizer que predomina este ou aquelle genero; e assevera-se que já fóra mais florescente.

A guerra da successão, que deu á *Hispanha* uma nova dinastia, lhe fez perder *Gibraltar*, de que os inglezes se apoderaram em 1704, quasi por entrepreza, para nunca mais a largarem a seus antigos possuidores, que de balde intentaram reconquistal-a, em differentes épocas. — Lá está defronte a nossa *Ceuta*, (*Ceita* ou *Cepta*, como os antigos lhe chamavam) em cujas aguas o Sr. D. *João* I. lavou a injuria, que alli recebêra o esforçado D. *Fuas Roupinho*; lá está *Ceuta*, cuja conservação nos custou o martyrio d'um filho sancto do grande rei; *Ceuta*, a estreia dos nossos triumphos além-mar, que o Leão de *Hispanha* nos preou, talvez para monumento seu da uzurpação filipina. — Parece que não satisfeita do que os *hollandezes* nos usurparam no oriente, emquanto, — máu grado a brios nacionaes — a *Europa* nos chamava *Provincia Hispanhola* e até já depois da patriotica emancipação, que ao robustecer-se achou inteiramente desbaratado o nosso antigo imperio, a *Hispanha* se comprouve de abater ainda mais o antigo nome portuguez, já tão decahido entre os barbaros, guardando para si o primeiro e mais glorioso trophéu das expedições façanhosas do inclito vencedôr de *Aljubarrota*.

Na tarde do dia 6 de septembro nos partimos de *Gibraltar* no barco de vapor hispanhol, *o Balear*, com destino a *Marselha*, tocando em varios portos da *Hispanha* meridional, dos quaes daremos noticia no artigo seguinte. C. *Lagrange*.

[*Continuar-se-ha no proximo numero.*]

NOTICIAS.

SHAKSPEARE.

3334 Com o maior alvoroço annunciamos que o nosso excellente e já hoje mui conhecido litterato, o Sr. *José Maria da Silva Leal*, traz entre mãos a traducção completa do theatro de Shakspeare: em que põe todo o amor e diligencia de que tal obra é merecedora, todo o saber e habilidade que os seus largos estudos, felizes disposições e assiduo uso lhe teem dado.

E' para desejar que elle não deixe de tornar este seu presente á litteratura patria ainda mais valioso, ajunctando a cada peça as observações philosophicas e o juizo critico severo, que a sua intelligencia e bom gosto lhe sugerirem, e que tão uteis podem vir a ser aos principiantes e até aos que já longe vão correndo nos estadios d'este genero de poesia, tão necessario e tão dificil.

SABER E BEMFAZER.

(*Carta.*)

3335 « O Sr. Antonio Joaquim José Ferreira da « Silva, havendo sido, como alumno da Eschola Po- « litechnica, premiado na primeira cadeira com o se- « gundo premio pecuniario, teve a generosa delibe- « ração de o offerecer á sociedade das casas de asylo « da primeira infancia desvalida, o qual premio ho- « je entrou no cofre da mesma sociedade na impor- « tancia de 30$000 réis. «

Lisboa 22 de agosto de 1844.

O secretario — *José Augusto Braamcamp.*

ENVENENADORA POR CIUME.

(*Carta.*)

3336 Em *Torre d'Eite*, meia legua de *Vizeu*, um homem d'auctoridade por estes logares havia promettido a uma sua criada cazar-se com ella; motivos porém, que nos não é dado expor, o levaram a mudar de improviso sua resolução; determinando contrahir com outra o sobredito vinculo; a criada pressentiu-o; [*¿quis fallere possit amantem?*] e destinou assassinal-o, envenenando-o; empregou pouca quantidade: por isso só produsiu dores violentas; pertendeu quietal-as; para este effeito mandou, depois de corridos, e provados muitos outros, aquentar um certo remedio; a criada, que conheceu não ter o outro surtido o effeito desejado, lançou maior quantidade de veneno; aggravou-se o mal; o desgraçado quer que lhe accudam com os remedios divinos; quando chegaram já não era tempo; tinha, com afflictivas angustias, rendido a alma ao Creador. A criminosa está em mãos da justiça. J.

UM MAGRIÇO PELO AVESSO.

3337 « Em *Alcoutim* appareceu um official do exer- « cito hispanhol, que parece ter vindo alli de propo- « sito para espancar uma mulher. O agressor foi pre- « so em flagrante, e entregue á justiça. »

Diario do Governo.

BORDOADAS ENIGMATICAS.

3338 Mr. *Fournier* está ainda hoje scismando sem poder atinar no porque, passando elle na tarde do dia 12 d'este mez pelo solitario sitio da *Villosa*, juncto a *Alverca*, tres desconhecidos, que ahi lhe appareceram de subito como avejões, lhe deram uma furiosa roda de pau, e desappareceram, sem lhe dizerem nem tomarem coisa alguma.

OUTRO RIO ASSASSINO.

(*Carta.*)

3339 No dia 21, o rio *Almonda*, que o nosso bom *Ferreira* fez lembrado em alguns dos seus sonetos, quiz para victima sua, uma pobre innocente de quatro annos; era filha da moleira dos *Meriões:* andava brincando, escorregou, caiu; acudiram-lhe, tiraram-n'a para fóra ainda viva mas...... morreu, e se é certo que a viraram de cabeça para baixo, absurda prática d'ignorantes, e que lhe não applicaram nenhum d'aquelles remedios, que V. tem altamente preconisado no seu jornal, e ainda no de 15 do presente agosto, podemos, com maior razão, chamar assassina á ignorancia de quem a tirou, e lhe assistiu, do que ao rio que a involveu. — E' mais um facto a bradar, pois que a nossa gente quer factos, pelo estabelecimento de todos aquelles meios por V. apontados, para obviar taes desgraças: — isto é — distribuição gratuita de folhetos em que se espalhem as verdadeiras doctrinas a este respeito, distribuição que competia ao governo, já que entre nós não temos a benefica sociedade de *Hyde-Park*; extracto de taes doctrinas feito por todos os jornalistas politicos e litterarios, por isso que todos elles primeiro que tudo devem endereçar os seus escriptos á utilidade; — e principalmente a sua noticia dada pelos parochos na estação da missa.

Eu que vivo cá por fóra, e que vejo o respeito com que o povo acolhe tudo o que lhe vem do seu cura nas praticas do domingo, imagino a utilidade que d'isto proviria, e ouso dizer que este era o mais vantajoso dos tres meios; ¿mas que era necessario para o estabelecer? Era necessario que o parocho se persuadisse do que lhe compete como pastor, como pae, e como delegado da egreja christã; era necessario que elle entre os calculos utilitarios sobre a verba de 50 réis, fizesse tambem entrar a utilidade d'uma vida que podia salvar. De V. etc.

Torres Novas 24 de agosto de 1844.

A. X. R. Cordeiro.

HORROROSO INCENDIO.

(*Carta.*)

3340 O LOGAR de *Salto*, da freguezia da mesma denominação, do concelho de *Ruivães*, districto administrativo de *Villa-Real*, quasi todo d'abastados lavradores e muitas cazas, já não existe. No dia 15 do corrente, quando na egreja parochial se festejava o anniversario do orago da freguezia, aonde é costume concorrerem de longe muitos romeiros, um incendio geral, no meio d'um sol abrazador, que mais ateava as chamas, devorou-o rapidamente, escapando apenas a egreja e uma pequena baiúca: diz-se, que perecêra n'elle um menino e um entrévado. Ignora-se ainda a origem d'este fogo; — talvez qualquer descuido, e o serem as casas cobertas de cólmo, e muitas vezes recheadas de feno e palha. Desgraçados lavradores, que apenas poderam no meio do desespêro, lastimar, com seus hospedes, tão horrivel catastrophe.

Muito convinha que, d'ora ávante, os lavradores aprendessem a não confundirem os palheiros com as suas habitações, e que na construcção d'ellas, tivessem sempre em vista as innundações e incendios, a salubridade e segurança, e todos os commodos adaptados ao uso necessario de seus mesteres; porém a verdadeira architectura rural ainda é, por estes sitios, totalmente desconhecida.

Povoa de Lanhoso 18 d'agosto de 1844.

J. J. F. de Mello e Andrade.

OUTRO INCENDIO DESASTRADO.

3341 DEITÁRA-SE na sua casa em *Trancoso*, o Sr. advogado *Moutinho* na noite de 9 para 10 do corrente, satisfeito e sem cuidados, abastado dos bens da fortuna, e feliz com duas filhas a quem muito amava. Quando amanheceu, a sua casa e todo o seu mais precioso haver eram um monte de cinzas, debaixo das quaes jaziam consumidas as suas filhas. ¡Que nos digam onde é que ha fóra da religião consôlo possivel para infortunios similhantes!

VIAGEM MUSICA.

3342 O SR. Masoni, postoque nascido em Italia, pertence ha annos a Portugal, onde se estabeleceu e reside, onde tem filhos, numerosos amigos, e admiradores, em cujo Conservatorio dramatico é mestre, e musico da real camara de S. M. Ser portuguez, por escolha e pelo coração, val para nós mais do que sel-o pelo fortuito do nascimento, quando se não procura legitimar por meritos esse bello titulo. Como louvor portanto d'um compatriota nos agrada mencionar a magnifica hospedagem, que em *Londres* recebeu o seu talento.

Londres é hoje admiravelmente philarmonica; os ares da Inglaterra não criam profusão de cantores espontaneos e distinctos como os de Italia. A educação não faz, com que até na classe infima, como na Allemanha, todos ahi toquem algum instrumento; mas a immensa riqueza, a necessidade e habito de supprir, pelas delicias do luxo importado, o que falta de amenidade ao clima e talvez ao espirito dos habitantes, teem feito com que em *Londres* affluam, e por lá abundem os mais insignes professores musicos de todas as partes do mundo; e os concertos, que n'aquella capital se dão, sobrelevem em geral aos de qualquer outra parte. Alguma coisa é pois o sobresair entre elles, e grangear, sendo estrangeiro, os applausos d'esses *lords* desdenhosos, os gabos d'esses jornaes, insolentemente despresadores de tudo o que não é britannico: e isso é o que, pouco ha, conseguiu o Sr. *Vicente Tito Masoni*.

O seu concerto a 20 de junho ultimo, executado na caza de *Horace Wilson*, Esq., em *Wimpole-Street*, reuniu cantores de ambos os sexos e instrumentistas dos mais nomeados, pelos quaes, como por todos os assistentes, a sua rebeca foi escutada com religiosa attenção e applaudida com furia.

Eis o que a seu respeito dizia entre outras coisas o *Times*: — «.... é um tocador de consideravel merito. Os seus sons, ainda que não muito cheios, são « suaves; a execução é rapida e segura: em tudo « quanto tocou, manifestou profundo sentimento musi« co e grande poder de expressão.»

Nenhuma d'estas phrases se póde taxar de exagerada, nem sequer de precisamente satisfatoria: uma porém, por injustissima, não deve passar sem rectificação. Os sons do Sr. *Masoni* (todos nós os temos ouvido) são cheissimos: se d'essa vez o não pareceram, devia o noticiador inglez ajunctar á censura a sua ver-

dadeira e sabida explicação porque o Sr. *Masoni* no momento, em que principiava a tocar, teve o desgosto de ver cair a *alma* da sua rebéca, pelo que lhe foi forçado valer-se da primeira que lhe appareceu, que, por menos perfeita e por desacostumada ás mãos que a tocavam, não póde chegar ao que a sua predecessora sustentou sempre; mas este pgssageiro desprazer não serviu senão para lhe carear novas admirações nas assembléas, onde ainda depois appareceu; na caza da *instituição britannica dos estrangeiros*, na do *Hon. Colonel Leister Stanhope*; e na de *M. Cohen* em *Richmond*.

E' isto pelo menos o que se lê em carta, que temos presente escripta de *Londres* por pessoa muito fidedigna.

Não sabemos, porque razão os nossos professores de musica imminentes, não rompem de uma vez este habito de sedentaria indifereuça, que os faz nascer, viver e morrer sempre no mesmo canto, quando, se viajassem por onde os talentos se appreciam e premeiam, adquiririam creditos para a sua patria, fama, oiro e proveitosos incentivos para si mesmos. ¡¿Cada vez que ahi entra um charlatão piannista a cobrir-nos as esquinas de cartazes retumbantes, e a quebrar meia duzia de piannos dos mais fortes, porque não havia de sair na mesma hora, para as proprias terras, d'onde elle veio, um Manuel Innocencio, um Migoni, um Miró, e outros, que mostrariam o que é saber e gosto, e tirariam a muito especulador a vontade de vir aqui tentar fortuna como em terra barbara!?

CARRASCO DE MOTU PROPRIO, CASO PENSADO E INSCIENCIA CERTA.

3343 Um gallego amigo e companheiro de casa de um cirurgião, seu patricio, aproveitando-se de uma ausencia mais dilatada, que este fisera indo á sua terra, começou com auxilio de quatro palanfrorios pescados de orelha, e com a recommendação sempre efficaz de uma boa casaca, grilhão de oiro e alfinete de peito, a inculcar-se entre os aguadeiros por doctor primo e sobre tudo muito menos careiro que os da capital: um boticario rabula, segundo se diz, era o seu assessor e os pobres lanzudos abalavam assim puchados a dois e muito depressa para as vallas dos cemiterios, mas por preços tão commodos que não havia razão para muitas queixas. O ultimo enfermo d'esta especie, que lhe caiu nas garras, foi o capataz do chafariz do Loreto.

Padecia de pulmão, tractaram-n'o de escarlatina, deram-lhe remedios que seriam ainda para outra molestia, e em tal dóse, que não só um capataz senão meia capatazia houvera com elles estoirado. O paciente estoirou com effeito poucos dias depois a 13 do corrente. Houve denuncia; a dissecção do cadaver serviu de corpo de delicto: o matador foi preso e entregue ao juiz conservador da sua nação.

O clamor geral dos chafarizes e de toda a parte é que um tal caso não deve ficar sem um severo castigo, para escarmento de outros muitos, que egualmente abusam da credulidade dos ignorantes, praticando a mais difficil e perigosa de todas as artes.

TORVA LEÆNA LUPUM SEQUITUR, LUPUS IPSE CAPELLAM.

3344 Um marujo inglez, *James Hawkins*, que saira do seu navio direito para a taberna mais proxima na *Boa-Vista*, e da taberna se tornava pouco direito para o seu navio, por não haver na cidade mais nada que merecesse a sua attenção, era seguido sem o saber (¿e que sabia elle n'aquella hora?) por um cautelleiro, o qual tambem, sem o saber, era seguido por dois guardas municipaes. Caíu o bebado; em cima d'elle caíu o cautelleiro a allivial-o dos trocos, e em cima do cautelleiro, a allivial-o d'esse trabalho, cairam os soldados, que o levaram preso, para que o juiz correcional lhe explique, que não é licito roubar nem a inglezes.

MORTE DESASTRADA.

(Carta.)

3345 ¿Terei todas as semanas de noticiar-lhe novas desgraças? Um mancebo na flor da edade andava carretando entulho para uma terra proxima d'umas cazas, que se andavam alagando n'este logar. — O desgraçado já quasi no fim do dia 10 d'este mez, chegava com uma carrada ao sitio destinado, ¿¡mal diria elle que era a ultima?! disjunge os bois, alteia o cabeçalho, para descarregar mais depressa: este sóbe, equilibra-se, mas em logar de quebrar o equilibrio para traz, rompe-o para diante, torna a descer de chofre, encontra o mal-aventurado, leva-o debaixo de si, piza-o, esmaga-o, mata-o.

Hontem 12 foi dado á sepultura.

Foi um filho que faltou a seu pae, e para maior pesar meu em serviço, que eu pagava.

Se julgar, Sr. Redactor, que esta noticia poderá servir de alguma utilidade á estatistica das desgraças, poderá dar-lhe um espaço no seu jornal, que folgo de ver rico de tudo.

Côrtes 13 de agosto de 1844.

A. X. R. Cordeiro.

CIUMES.

3346 Dois presos de amor, em *Aldêa Gallega da Merceana*, passaram a sel-o da justiça no dia 11 do corrente. Captivos ambos da mesma dama, odiavam-se de morte. Encontraram-se, não em estacada como os cavalleiros antigos, mas no meio da rua; eram 6 da tarde e havia espectadores; arremessaram-se um contra o outro: *João* partiu a cabeça de *Antonio* com o cajado; *Antonio* pregou tres facadas em *João*.

CASO DE BARBAS PARA A JUSTIÇA.

3347 Lê-se na *Restauração:*

« Pergunta-se á *Gazeta dos Tribunaes*, *quid juris:* a
« especie é curiosa. Dois gregos, da equipagem de um
« navio helleno, tiveram *em terra* e n'uma das nossas
« ilhas, uma desordem grave, de que resultou ferimen-
« to. Começou o processo servindo de intérprete do gre-
« go um inglez que o sabia, e de intérprete do inglez um
« portuguez. Mas o inglez poz-se a andar; e ainda
« que haja em Portugal muito quem falle grego, não
« é do que se falla na Grecia, e os homens não sabem
« senão a sua lingua materna. Não ha pois modo de
« os intender; ¿como se hão-de julgar? A novissima
« reforma previu o caso dos mudos, mas esqueceu-se
« de legislar ácerca dos gregos incompreensiveis. O
« caso é que isto é um facto; e que as justiças da
« ilha estão, com razão, summamente embaraçadas.

MORTE DE UM MINOTAURO.

3348 «Juncto a Santarem appareceu morto de um « tiro um individuo por nome Joaquim Réo; este ho- « mem gabava-se de ter feito 7 mortes — alguem se « antecipou em tirar a vingança, que só pertence á « justiça: esta fará o seu dever contra o matador.»

Diario do Governo.

EXORCISMO SOLIDO.

(Carta.)

3349 Lendo o n.º 1.º do 4.º vol. do seu jornal a *Revista Universal Lisbonense*, e o artigo 3202 com a epigraphe *almas do outro mundo*, lembrou-me narrar-lhe um facto identico, acontecido o anno passado na aldêa dos Montes Velhos d'este concelho.

Duas mulheres d'aquella aldêa, uma casada, e outra solteira, começaram a ser inspiradas como as tres jovens do concelho d'Ourem. Fizéram vir do outro mundo todas as almas da sua freguezia, que para lá se tinham abalado muitos annos havia, houve missas, romarias continuadas, etc. O pobre do marido d'aquella boa impostora já não sabia o que fizesse á sua vida; foi-se com ella a um padre ex-capucho, e insigne exorcista: porém de nada serviram as suas resas; as almas teimaram a apparecer, e a produzir o mesmo effeito. Um dia do anno passado, e d'este mesmo mez em que estamos, fui eu áquella aldêa, mais dois amigos; e estando ahi passando a calma, que era grande, appareceu o bom d'aquelle homem muito pensativo e melancolico; perguntei-lhe que tinha: contou-me o seu tormento, e que não sabia o que á sua vida fizesse. Disse-lhe, se queria um remedio, que lhe eu ensinasse: — respondeu-me, que sim, e eu continuei — «pois bem, sua mulher está n'esse estado; é necessario tractal-a com paciencia; mas arranje um bom oleo de zambujo, e quando lhe apparecer alguma alma, unte-a muito bem com elle, e verá como se lhe põe sã.»

O bom do homem duvidou applicar similhante remedio á sua cara metade, e se retirou incerto no que faria: mas passados dois dias, é a mulher inspirada pela alma d'um visinho, que ainda lhe restava, e começa a requerer da parte de Deus. O insensato, já enfastiado de tantas missas e romarias, e de tantos dias perdidos, pegou do receitado zambujo que já estava de prevenção, e esfregou-a debaixo de preceito, e tanto que foi logo necessario accudir-lhe com sangria.

Nunca mais as almas do outro mundo quiséram tal interprete. E o homem veio, passados tempos, agradecer-me a esmola, que lhe havia feito.

A outra companheira, ou por medo d'outra egual untura, ou por effeito d'uma hydropisia, que não teve cura, senão aos nove meses, tambem deixou de ser visitada pelas boas almas, e assim acabaram aquellas imposturas.

Se houvesse quem applicasse este remedio ás tres jovens do concelho d'Ourem, estou persuadido de que havia de produsir o mesmo effeito, com o que muito interessaria a moral publica, a religião, e os pobres incredulos, que se deixam illudir com similhantes imposturas.

Aljustrel 2 d'agosto de 1844. De V. etc.

Francisco Maria da Paz Raposo.

MULHERES DE VIRTUDE.

3350 É este o nome, que de tempos antigos se dá a certas femeas, em geral velhas, que por via de sortes, baralhos bentos, saquiteis de reliquias, peneiras, alguidares de agua, ladainhas arripiadas, invocações atraz da porta, etc., etc., etc., descobrem, a quem em segredo as procura e lhes paga, o que está para succeder como o que succedeu, o que fazem e pensam os ausentes, se se ha-de cazar, se se ha-de ter filho ou filha, se o objecto amado é ou não fiel, onde estão thesoiros enterrados e outras mil coisas d'este jaez: já se vê com quanta propriedade lhes acerta o nome: como nas *virtuosas* e *virtuosos* da ópera.

Estas impostoras, que são occasião e fomento de muitas, e, ás vezes, muito grandes desgraças nas familias, e que ainda ninguem (a não ser uma vez a *Coallisão* do Porto) se lembrou de defender, foram sempre, até nos tempos mais supersticiosos, e em toda a parte, excepto entre os povos silvestres, condemnadas pelas leis e não raro perseguidas com desabrimento pelas auctoridades. Á philosophia é que toca na verdade o acabal-as; mas como as obras da philosophia não vem senão muito tarde (quando porventura chegam a vir), bom será que a policia se não descuide de lhe ir abrindo o caminho, provando ao vulgo, por factos, que estas vaticinadoras da alheia sorte nem a sua sabem antever, e onde menos o cuidam se acham tomadas na rede.

Taes mulheres não faltam ainda hoje, mormente nos campos e na capital, senão que abundam e superabundam.

Por nossa parte havemos sempre intendido ser nosso dever, ir sacando constantemente á luz quantos d'estes casos de ruins superstições nos chegam ao conhecimento, para espertar, nos que teem o direito e a fôrça, a vontade e a resolução de lhes dar mate; e havemos de perseverar.

Todos os seguintes artigos, que, para isso, de proposito enfeixámos, demostram quanto o nosso vulgo vive ainda inçado de abusões; culpa negativa, sim, mas culpa grande das auctoridades, dos parochos, das pessoas de instrucção, e sobre tudo dos jornalistas, que mais depressa mofarão d'um artigo religioso e util do que d'estes damnosos desparates.

Em *Villa-Franca*, foi ha poucos dias presa Anna Vieira de Sousa, *mulher de virtude*, adivinha ou bruxa portuense, que, tempos ha, negociava, com a credulidade dos pescadores, lavradores, especuladores, mercadores, noivos e noivas, namorados e namoradas d'aquelle sitio e visinhanças: se o crime se lhe provar, deve, (com licença da *Coallisão*,) ser castigada exemplarmente.

UM VELHO RARO N'UMA RARISSIMA TERRA.

(Carta.)

3351 Tenho ha muito noticia d'um exemplo de longevidade, de que lhe não quiz fallar antes de haver cabal conhecimento. Existe na aldêa de *Pampelido* freguezia de *Lavra*, distante um tiro de balla da praia, em que desembarcou o exercito libertador, um homem de 102 annos; chama-se *Manuel Domingues dos Santos*; é vigoroso, ouve e vê bem, e come dos grosseiros alimentos de que alli se usa, toucinho, fanécas, boróa de milho e centeio, batatas e feijões. Diz elle que nunca esteve doente, e que a unica vez que comeu galinha e foi sangrado, foi quando uns ladrões o espancaram.

Vive com sua neta a quem ha muito doou quanto possuia, e apezar de ter reservado para si uma boa pensão, não a exige, e trabalha ainda a terra que o sustenta, emvez de se dar ao descanso, para acabar quieto depois da vida pesada e longa que teve.

D'este laborioso homem não será dicto que *comeu ocioso o seu pão*; nem tão pouco que não *abriu a sua mão ao necessitado*, que elle é bom e esmoler.

Os habitantes d'aquelles arredores são simplices, bons, sobrios e rusticos como *Manuel Domingues*. Alguns ha que ignoram as coisas mais sabidas; como, se é rei ou rainha que rege o reino, se o Sr. D. *Pedro*, que viram desembarcar, os que não fugiram, é vivo se morto. O maior tractamento que conhecem é o de senhoria, que a ninguem jámais dão. Uma mulher, que foi levar agua para o Sr. D. *Pedro* se lavar, depois que elle saltou em terra no dia 8 de julho, tratou-o por *vocemecé*, julgando-o algum *governo* (official do exercito) senão lhe daria *você*; e, se soubera quem elle era, provavelmente o trataria por *senhoria*.

São aquelles povos supersticiosos como é de esperar de gentes singellas e ignorantes. Entre outras coisas acho extravagante uma superstição, que era facil perderem, se quizessem: aquelle que encontra o corpo d'um afogado não arreda pé sem dizer-lhe — *por Deus te peço, deixa-me ír, que vou procurar quem te leve a enterrar em sagrado* — sem isto, creem que o defuncto não deixaria mover-se o vivo, para que este o guardasse dos animaes.

Peior que isto é porém a mania de consultarem em todas as afflições e doenças as *sanctas mulheres*: estas infames, além de os indisporem com algum visinho, por suas palavras enigmaticas, e de empecerem suas curas com seus remedios, lhes roubam o fructo de sua muita economia e fadiga. Para honra d'aquelle povo, cumpre dizer, que as bruxas que os chupam, não são d'alli; e aquellas pobres gentes andam ás vezes muito caminho para írem á espelunca da maga de mais nomeada.

Porto 10 de agosto de 1844. De V. etc.
Uma obscura Portuense.

ADIVINHAÇÃO PROFANATORIA.

3352 Corre ha semanas ter-se achado no forte das *Picôas* um cofre perfeitamente fechado e cujo valor por isso mesmo se reputou logo infinito.

Dois mancebos, que não sabemos como, tinham dado com elle dentro de um muro velho, o appresentaram ao prior que o abriu diante de testimunhas. Era uma pequena caixa de madeira coberta de folha de chumbo forrada de tafetá preto. Continha esta caixa um fiador de côr preta tendo na maçã uma cruz de seda carmesim, e um papel que tinha no alto um tumulo e por baixo a seguinte inscripção:

« Quem este fiador achar n. b. que pertence á Au-
« gusta D. Maria II, e quando esta já não exista á
« coroa de Portugal e uma hostia que está encerrada
« debaixo do signal da cruz n. b. que pertence á Igre-
« ja e freguezia de N. S. da Pena: Rogo a resti-
« tuição. »

Desmanchou-se a maçã do fiador e se achou ser composta de diversas camadas, de cera, chumbo, seda carmesim e dentro uma hostia.

De tudo se lavrou auto e assentou-se (os theologos dirão se com prudente aviso) em que, pois se não sabia se a particula era ou não consagrada, importava queimar tudo, o que assim se fez.

(Communicado.)

VELHACARIA BEATA QUE NÃO PEGOU.

(Carta.)

3353 Sr. Redactor. Contou-me pessoa fidedigna que em *Setubal* se appresentaram ha dias ao Vigario tres ou quatro velhos com um crucifixo, para que lh'o posesse em grande honra e veneração, pelo terem elles mesmos visto cair do céu havia poucos instantes, dando por signal e prova do milagre, o ter uma perna quebrada, o que fôra da quéda (mais alta realmente nunca ninguem a teria dado). — O vigario, que nem é tolo nem velhaco, mandou-os passear, recommendando-lhes que tivessem cuidado para que algum dia, em logar de crucifixo, lhes não chovesse de cima algum arrocho.

FEITIÇOS CABELLUDOS.

3354 Um gallego de cara doente e amofinada, lenço pardo amarrado na cabeça, olhos baixos e braços indolentemente pendidos, está sentado no banco da policia correccional, na Boa-Hora, não com o desafôgo com que poderia estar em cima do seu barril, á espera de vez, mas como quem poisa sobre espinhos; — é porque o chafariz, que tem diante dos olhos, é uma cascata de accusações vehementes, estrondosas e perennes: — é uma assanhada taberneira do *Bairro-Alto*, a quem elle serviu ha mezes, e que se queixa, com testimunhas, de que por vingança de ter sido posto fóra (e talvez por ciumes), anda por toda a parte, desacreditando, a ella, ao seu vinho, á sua familia, e ao seu bacalhau.

Chegada a mão de fallar ao atterrado gallego, que nem se atrevia a encaral-a, declarou este que — « se tinha dicto alguma coisa contra a sr.ª Maria, não lhe faltavam razões; pois que ella o tinha enfeitiçado. »

Instado para que se explicasse, declarou, com visivel repugnancia, que — « na comida, que a sr.ª Maria lhe dava, achára muitas vezes cabellos, o que não podia deixar de ser para máu fim: que de feito começára a emmagrecer, e sentir dores; que um cirurgião da rua dos *Cannos*, chamado *Sr. Francisco* — ¿ Francisco de quê? interrompe o juiz. — Francisco sem mais nada: — lhe dissera que estava enguiçado; que outro cirurgião de *Belem*, chamado tambem Francisco e tambem sem mais nada, lh'o repetira, e que . . . .

— Mas, homem, ambos esses Franciscos estavam visivelmente escarnecendo de você: taes feitiços, são coisas que não ha no mundo.

— Saberá S. S.ª que ha: ainda agora estou eu lançando todos os dias, pela bôcca, cabellos grossos, do tamanho do meu braço, com pedaços do meu figado á mistura.

— Homem, você está enganado.

— Prouvéra a Deus, mas V. S.ª vae ver: aqui está a minha cabeça (desamarrando o lenço pardo); então vê, não estou mais de meio careca . . . .

A audiencia terminou, fazendo-lhe o paciente juiz, o Sr. *Reis e Vasconcellos*, uma breve e clara prelecção a respeito de feitiços e de curandeiros, e obrigando-o a assignar um termo de bem viver a respeito da sr.ª Maria.